


## A infância em textos literários

### Isabel Cristina Santos de Oliveira Rodrigues

Mestranda em Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis, São Paulo  
Bolsista – Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP)

 <https://orcid.org/0000-0002-4647-6827>

E-mail: isabel.oliveira@unesp.br



### Resenha de:

YUNES, Eliana; GALVÃO, Eliane; CARVALHO, Gilda (org.). *A representação da infância no texto literário*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022. 215 p. ISBN: 978-65-86089-92-9.

Texto recebido em: 27/11/2022

Texto aprovado em: 15/12/2022

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusoe,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
— Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusoe.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Infância. In:  
*Poesia e prosa: alguma poesia.*  
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 71.

A bela composição poética “Infância” de Carlos Drummond de Andrade, considerado um dos mais representativos escritores brasileiros do século XX, senão o seu mais importante poeta, ilustra o quanto se mostra difícil separar aspectos subjetivos em produções literárias, principalmente se elas estiverem relacionadas a inspirações biográficas. E os versos acima caminham por essa direção: neles, Drummond reconstitui instantes de sua infância em Minas Gerais, em ambiente rural da qual sentia saudades.

Naqueles versos, o poeta rememora uma cena de quando seu pai saía para trabalhar na roça, que ficava nos fundos da fazenda em que moravam, e sua mãe ficava em casa com o seu pequeno irmão, e ele, embaixo de uma mangueira, se deliciava com as aventuras fictícias que o náufrago Robinson Crusoe vivera por 28 anos enquanto habitava uma remota ilha no Caribe antes de ser resgatado.

Sucesso editorial desde seu lançamento em 1719 no Reino Unido, *As aventuras de Robinson Crusoe*, do inglês Daniel Defoe, embalou a também vida de aventuras que o garoto Drummond vivenciava em sua infância. E já adulto, como aparece no poema, recupera o som de um psiu, recorda o sabor “gostoso” de um café preto, lembra da cena cotidiana de sua mãe que ao mesmo tempo em que costumava desviava olhares para ele... em ampla saudade da infância!

Mas, situações como as vivenciadas por Drummond na singela simplicidade de sua infância e que também embalou o passado de muitos, aparece nas reconstituições que se fazem nos espaços temporais de nove autores contemporâneos recuperados com suas produções literárias que tiveram a infância como eixo norteador.

Em suas narrativas, as diversas representações da infância presentes no livro guiam-se, antes de tudo, por impressões históricas, sociais e culturais acerca do imaginário e de lições de mundo que os autores então recuperados ilustram sobre momentos em que recriam o mundo que viveram na juventude e que se dispuseram a contar poética ou literariamente.

Com 11 artigos, o livro *A representação da infância no texto literário*, sob a organização de Eliane Yunes, Eliane Galvão e Gilda Carvalho, problematizam a

literatura que tem a infância como eixo e que se conectam pela mediação de sua receptividade junto aos autores que analisaram especificamente oito textos literários. Aliás, a junção desses textos permite ao leitor compreender dois eixos analíticos ali presentes: um primeiro, na qual se recupera essas vivências nesses textos literários infantis e, uma segunda, que congrega três artigos que buscam sintetizar a literatura infantil enquanto ato formativo do leitor adulto ou enquanto ato ficcional que medeia o desenho da infância em textos literários.

Dos três textos componentes desse segundo eixo, “De que infância estamos falando?”, de Eliana Lucia Madureira Yunes, que assina o texto apenas como Eliana Yunes, abre o livro e reflexiona sobre a literatura infantil que hoje se publica no Brasil, original ou traduzida, e sua intrínseca relação com a mimese, que a toma como relação entre a vida e o mundo que circunda o narrador.

Por seu turno, “A (re)apresentação de uma (não) infância de carne e osso nos contos populares”, de Eliane Debus e José Carlos dos Santos Debus, apresenta um interessante percurso de como a “infância trágica” apareceu recuperada em diversos contos populares infantis, tanto divulgados no Brasil quanto no exterior. Os autores buscaram repertórios interpretativos da História, da Antropologia, da Literatura para expor uma multidão de histórias de vidas infantis e juvenis exemplificadas dentro dos limites contemporâneos das cidades, onde aparecem descritas ações em que crianças são exploradas em múltiplas situações de trabalho, do não acesso à escola, legadas ao abandono e vítimas de maus tratos, por exemplo.

Em “Literatura infantil e formação do leitor adulto: algumas reflexões sobre literatura e trabalho”, de Gilda Maria de Almeida Rocha Borges de Carvalho, ou apenas Gilda Carvalho, o último capítulo da obra, se tem a apresentação da experiência da autora como mediadora de leitura para grupos de adultos que participam do programa “Destrava línguas”, criado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e que desde 2007 está em funcionamento. Suas reflexões teóricas, as vivências humanas ali despertadas e as relações sociais e de leitura ali construídas são os assuntos ali discutidos.

Já as práticas e como a infância aparece descrita em obras literárias fazem-se presentes nos demais oito artigos do livro. Em percurso que sintetiza a produção literária contemporânea da poética da infância enquanto tema com múltiplas perspectivas de estudos surge o texto “Representações da infância em ‘A casa da madrinha’, de Lygia Bojunga, e ‘Comandante Hussi’, de Jorge Araújo”, de autoria

dupla de Diana Navas e Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira, em que se recupera análise da infância descrita pela autora brasileira Lygia Bojunga Nunes e do cabo-verdiano Jorge Araújo em perspectiva que supera o simples discurso de autores adultos que escrevem sobre infância. A análise invoca as narrativas de duas obras que se configuram como emancipatórias e dialógicas, que se pautam por denúncias sociais e valores estéticos que se afinam – de maneira comparativa – enquanto personagens e temas comuns.

Aliás, inquietações e mesmo denúncias vivenciadas por crianças na infância, como o difícil lidar com situações que impõe ao adulto o desafio de abordar a morte de familiares com crianças, por exemplo, está na análise que Thiago Alves Valente faz em “A infância e suas perdas: ‘Vovô vai para as estrelas’”; ou em “Empresta-me teus olhos para ver o mundo: infância e velhice de mãos atadas na obra ficcional de Sérgio Capparelli”, de Karina de Oliveira e Silvana Augusta Barbosa Carrijo, em que por meio da análise de obras do escritor mineiro Sérgio Capparelli, como “Vovô fugiu de casa” se apresenta toda uma narrativa de um avô que vive entristecido pela saudade deixada pelo falecimento de sua companheira de vida a dois, que ao morar com sua filha e genro era interpretado como esclerosado e caduco, em situações próximas ao que muitos idosos vivem no dia a dia. E no auge da incompreensão a fuga de casa do avô, em conjunto com seu neto, em aventuras, ou melhor, em desventuras no buscar seu lugar de origem. O desdobramento dessa análise e mesmo o explicar outro texto desse autor – “Eu, meu avô, a pipa e a guerra dos gatos” – ilustram maneiras como o processo de envelhecimento é transmitido para a criança. No todo, esses dois capítulos presenteiam-nos com discussões acerca de situações dolorosas de perdas, que todos passam ou passarão em vida...

Aflições também presentes em “Seja esperta, seja corajosa, seja astuta: devaneio e literatura infantil em ‘Coraline’, de Neil Gaiman”, de Guilherme Magri da Rocha e Cleide Antonia Rapucci, quando se discute as possibilidades e expectativas que crianças empreendem na busca pela aquisição de novos saberes, essenciais para o lidar com as adversidades que desde criança se vivencia.

À propósito, ainda guiando-se pelo caminhar no universo de sofrimentos que nos afligem desde a infância tem-se o estudo da obra “Terra costurada com água”, escrita e ilustrada por Lúcia Hiratsuka, que narra a história de duas amigas mirins que moravam próximas e brincavam juntas, mas marcadas por personalidades distintas que vão se delineando ao longo da trama analisada por Rosa Maria Cuba Riche, em “A personagem criança e suas nuances em ‘Terra costurada com água’”,

que recupera diversas situações de decepção por que passamos desde a infância. E de acordo com Rosa Riche, para se contar essas histórias, e serem mais bem compreendidas pelas crianças, Lúcia Hiratsuka utiliza-se de elementos visuais para melhor contribuir com o entendimento do texto verbal, principalmente para aqueles leitores com mais dificuldades de interpretação e leitura, em especial, crianças com baixo rendimento escolar.

Na linha analítica das crianças com necessidades educacionais, o capítulo “A representação da criança com deficiência: uma análise do livro ‘Extraordinário’, de R. J. Palacio”, de Alcioni Galdino Vieira e Alice Atsuko Matsuda, apresenta-nos pelas linhas de “Extraordinário”, romance de Raquel Jaramillo Palacio, traduzido para o português por Raquel Agavino e ilustrado por Tad Carpenter, muitos dos dissabores vivenciados no dia a dia por pessoas com deficiências, cujas experiências e preconceitos servem de microcosmo para ilustrar determinadas transformações que um menino de dez anos de idade, o protagonista da história, vivencia em ambiente escolar por apresentar deformidade craniofacial, causada por rara condição genética. Casos como o do protagonista pululam no ambiente escolar e servem de mote para discussões acerca de problemas que a criança com deficiência, assim como sua família, amigos e comunidade ao seu redor passam. Sensível, o texto suscita enfrentamentos ao proporcionar discussão sobre discriminação, preconceito e bullying, por exemplo, em ambiente escolar.

356

Ao lado dos textos de Rosa Riche e de Alcioni Galdino Vieira e Alice Atsuko Matsuda, que em determinadas partes de suas narrativas discutem as ilustrações nas obras infantis por elas analisadas, tem-se o capítulo “Contar e recontar: o livro ilustrado de Jean-Claude Alphen”, de Alice Áurea Penteadó Martha, em que se levantam breves questionamentos sobre a produção de livros ilustrados infantis e o quanto as imagens ali desenhadas propõe renovação de contos tradicionais que se contam às crianças.

E na temática dos contos tradicionais, ou melhor, na recuperação de comportamentos infantis presentes em contos tradicionais, mais especificamente nas vivências de brincadeiras típicas da infância que Rosana Rodrigues da Silva e Sinara Dal Magro apresentam “Entre bichos e brincadeiras: o imaginário infantil na poesia para crianças de Marta Cocco”.

Ao dar vida ao inanimado mundo de fantasias comuns na literatura para crianças adentramos no mundo mágico infantil que simbologia animais e plantas, por exemplo, para se discutir, perante o psiquismo de crianças, composições

personalizadas que representam situações assemelhadas que se vivem na infância. Imaginário que proporciona o recuperar simbolicamente o universo do lúdico, em atividades de organização e preparo de brincadeiras, como se ilustra na epígrafe ao recuperar o poema “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade, em que emotivamente o autor-poeta adentra e correlaciona o seu universo de vida a um universo de fantasias, com devaneios que o levou a um mundo fantasioso, em que ele exercitou sua imaginação e o fez aventurar-se por situações e locais diversos, muitas vezes, além do que ele lia e que o inspirava ao desconhecido. Sua história assemelha-se a de muitas outras crianças de carne e osso; e que também têm muitas de suas aventuras ou desventuras do dia a dia narradas na literatura infanto-juvenil... E dessa literatura, alguns textos contemporâneos disso estão presentes no livro *A representação da infância no texto literário*.

**Isabel Cristina Santos de Oliveira Rodrigues** é Mestranda e Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).

**Como citar:**

RODRIGUES, Isabel Cristina Santos de Oliveira. A infância em textos literários. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 18, n. 2, p. 352-357, jul./dez. 2022. Disponível em: [pem.assis.unesp.br](http://pem.assis.unesp.br). Resenha de: YUNES, Eliana; GALVÃO, Eliane; CARVALHO, Gilda (org.). *A representação da infância no texto literário*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2022.